



POESIA E IDENTIDADE NEGRA EM DOIS POEMAS DE OLIVEIRA SILVEIRA

Welder Junio da Silva
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Ana Érica Reis da Silva Kühn
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Resumo: Este artigo propõe a análise de dois poemas de Oliveira Silveira: “Encontrei minhas origens” e “Resgate (Década 60)”, presentes na obra *Roteiro dos tantãs*, publicada em 1981. Nosso intuito é investigar como o poeta elabora uma identidade negra nos poemas ao mesmo tempo que aborda a desconstrução de estereótipos seculares conferidos à negritude. Oliveira Silveira põe em perspectiva o protagonismo negro no encontro com a sua ancestralidade, além de tratar sobre o rompimento de estigmas ao substituir a marginalização do negro na sociedade pela urgência de garantir um lugar de fala. A partir de um olhar crítico dos poemas, consideramos que o poeta, importante porta-voz do Movimento Negro, sugere a elaboração da construção da identidade negra positiva. Para alcançar o objetivo proposto, o método usado será o bibliográfico, como aporte teórico nos basearemos em Munanga (2009; 2000), Nonoya (2020), Fanon (2008), dentre outros, além dos poemas que compõe o *corpus* deste estudo.

Palavras-chave: Identidade negra; poesia; Oliveira Silveira.

Poetry and black identity in two poems by Oliveira Silveira

Abstract: This article proposes an analysis of two poems by Oliveira Silveira: “Encontrei minhas origens” and “Resgate (Década 60)”, from the work *Roteiro dos tantãs*, published in 1981. Our aim is to investigate how the poet elaborates a black identity in his poems, while at the same time deconstructing centuries-old stereotypes of blackness. Oliveira Silveira puts into perspective black protagonism in the encounter with their ancestry, as well as dealing with the breaking down of stigmas by replacing the marginalisation of black people in society with urgency of guaranteeing them a place to speak. From a critical view of the poems, we believe that the poet, an important spokesperson for the Black Movement, suggests the elaboration of the construction of a positive black identity. In order to achieve the proposed aim, the method used will be bibliographical. As a

theoretical contribution, we will draw on Munanga (2009; 2000), Nonoya (2020), Fanon (2008), among others, in addition to the poems that form the corpus of this study.

Keywords: Black identity; poetry; Oliveira Silveira.

Introdução

É inegável o poder da literatura na compreensão do mundo que nos cerca e, principalmente, na construção da identidade humana. No entanto, nota-se a escassez de materiais acerca da literatura brasileira que apresente e reconheça a participação do negro africano na construção da cultura brasileira. A parte da história do negro apresentada, seja na literatura ou na mídia, retrata, em sua grande maioria, o negro escravizado, submisso aos colonizadores, desqualificado enquanto raça, não expressando os valores sociais suficientes para que esses se identifiquem de forma positiva como um ser negro. Deixando, assim, a outra parte da história, na qual o negro tem suas influências reconhecidas na construção histórica do país, para ser contada por vozes negras na literatura.

Entre essas importantes vozes negras, ecoa a voz do poeta gaúcho Oliveira Ferreira da Silveira (1941–2009), mais conhecido como Oliveira Silveira. Na sua constante atuação no Movimento Negro, por meio da produção literária negra e militância política, Oliveira Silveira ocupa um lugar importante na incessante luta contra a discriminação racial no país. Ronald Augusto (2022), no prefácio que organizou da obra reunida do poeta, diz: “A sua poesia era dotada de muita consciência, assim como seus ideais, culminando na criação do 20 de Novembro – Dia Nacional da Consciência Negra, em 1971” (Augusto, 2022, p. 5). Após 53 anos, sancionado pelo projeto de Lei 14.759/23, o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, oficializa em 2024 a data como feriado nacional, reforçando a importância desse marco contra o racismo e a escravidão no país.

Nesse sentido, a partir dessa breve reflexão inicial, nossa pesquisa terá como base a pesquisa bibliográfica de caráter analítico. Nos propomos a analisar dois poemas de Oliveira Silveira: “Encontrei minhas origens” e “Resgate (Década 60)”, ambos publicados originalmente em 1981 no livro *Roteiros dos tantãs*. Vale ressaltar que para este estudo utilizaremos a segunda edição da obra *Oliveira Silveira – obra reunida*, organizada por Ronald Augusto (2022). Como aporte teórico, nos fundamentaremos nas discussões propostas por Kabengele Munanga (2009, 2000), Fanon (2008), Gomes

(2020), dentre outros autores que tratam sobre literatura negro-brasileira e identidade negra.

A seleção da obra e dos poemas se deu por acreditarmos que, ao resgatar elementos da história do povo africano, contemplando o negro numa perspectiva positiva, o sentimento de pertencimento racial é fortalecido e estigmas negativos e inferiorizados da população negra são combatidos. Para Dantas (2006), Oliveira Silveira consegue em *Roteiro dos tantãs* se valer de traços que remetem de imediato à África, evidenciando logo a partir do título da obra o vínculo com a Negritude por meio da referência aos tantãs, que é um tipo de tambor africano.

Almejamos com esta pesquisa compreender a construção da identidade negra na poesia de Oliveira Silveira, de modo a refletir sobre a importância da desconstrução de estereótipos seculares conferidos aos negros e a necessidade da construção positiva da identidade negra numa sociedade cuja o racismo parece estar enraizado. Nossa hipótese é de que com a desconstrução de estigmas associados à negritude, a partir de um olhar crítico dos poemas do poeta da consciência negra, Oliveira Silveira, importante porta-voz do Movimento Negro, tanto aqueles que estão em formação e os atingidos pelo racismo que negaram sua identidade negra, possam se sentir representados ao encontrarem aporte para a construção da identidade negra positiva.

O presente estudo está estruturado em três partes: na primeira realizamos a análise do poema “Encontrei minhas origens”, de modo que, durante a leitura, há um diálogo com a construção da identidade negra; na segunda, analisamos o poema “Resgate (Década 60)”, com a finalidade de discutir a importância da luta contra o racismo para a afirmação identitária negra; e na última parte, apresentamos nossas considerações finais.

1. O reconhecimento da identidade negra no poema “Encontrei minhas origens”

A identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade, se constituindo a partir da aquisição de características culturais, ideológicas e sociais. No processo de construção da sua identidade, ao se reconhecer por meio de elementos como a história, cultura, língua, cor de pele e religião, o indivíduo começa a conhecer e se relacionar com outras pessoas constituintes do grupo. Segundo Munanga (2000): “[...] esses elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois a cultura

em diáspora tem de contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus novos territórios” (Munanga, 2000, p. 14).

Como um dos mecanismos fundamentais na construção do eu, a literatura desempenha um importante papel na formação da identidade do sujeito. Para Coelho (2000):

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição [...] (Coelho, 2000, p. 16).

Dessa forma, ao recebermos a “herança da tradição” (Coelho, 2000, p. 16), tomando consciência da realidade que nos rodeia, damos o primeiro passo para nos posicionarmos no âmbito social e político.

Refletindo acerca da identidade negra, pensando a produção cultural eurocêntrica apresentada, seja na literatura ou na mídia, o que temos ainda, em sua grande maioria, é a imagem do negro retratada como escravizado e submisso aos colonizadores, desqualificado enquanto raça, não expressando os valores sociais suficientes para que o indivíduo se identifique de forma positiva como um ser negro. Nas escolas, cujo papel é informar e contribuir para a formação de sujeitos políticos da sua própria história, nota-se a ausência de materiais acerca da literatura afro-brasileira que apresente e reconheça a participação do negro africano na construção da cultura brasileira, o que torna negligente a formação identitária desse grupo.

É nas vozes negras presentes na literatura que o protagonismo negro é renovado, se desvencilhando dos estigmas seculares lhes conferidos injustamente. Entre essas vozes negras, se ouve a do poeta Oliveira Silveira, que ocupa um espaço importante na constante luta contra a discriminação racial no país por meio da sua produção literária negra e militância política. Oliveira Silveira nasceu em 16 de agosto de 1941, no distrito de Touro Passo, município situado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. Aos 24 anos graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), posteriormente também trabalhou como professor de português e literatura no ensino médio. Faleceu em 2009, aos 67 anos, em decorrência de câncer, em Porto Alegre.

Durante sua trajetória, questionando a presença e o sentido do negro no Brasil, marcado por leituras e reflexões, Oliveira Silveira sustenta um novo discurso, na sua forma de pensar e atuar, para a solidificação de uma resistência em contraposição à forma

cruel e dissimulada com que foi instituída a liberdade dos negros no Brasil, como aponta Nonoya (2020). Conforme Dantas (2006), apesar do poeta ser pouco conhecido por boa parte dos brasileiros, “Oliveira Silveira é um incansável batalhador da Negritude. Foi dele a sugestão da criação do Dia Nacional da Consciência Negra” (Dantas, 2006, p. 74).

Na medida em que também se conscientizava, Oliveira Silveira buscou, por meio de seu trabalho como escritor e poeta, ressignificar o lugar do negro na sociedade, procurando desconstruir e negar aspectos hegemônicos abordados na literatura canônica brasileira que não expressam valores sociais suficientes para que esses se identifiquem de forma positiva como um ser negro. É o que faz com o poema “A outra negra Fulô”, publicado no ano de 1998, durante sua ativa participação nos *Cadernos Negros*, no qual retira da personagem a figuração passiva e de objeto sensual do homem branco, ao contrário da narrativa da primeira negra Fulô do poema “Essa negra Fulô”, de Jorge de Lima, em que Fulô é retratada como submissa e incapaz de reagir à opressão e violência.

Ao longo dos anos, o modo como a imagem do negro é retratada na maioria dos livros da literatura nacional, majoritariamente escrita por autores brancos, evidencia a ideologia de dominação do negro pelo branco e a naturalização da escravidão, como observado na personagem Pedro, na obra teatral *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, o qual apresenta o negro subserviente, que desprestigia a sua raça, “reduzindo-o a um ser conformado com sua condição de cativo, que não vislumbra a liberdade” (Silva, 2021, p. 11). Além da questão de superioridade do branco sobre o negro, encontra-se em outras obras literárias a sexualização do corpo negro, como no romance *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha (1895), que aflora a sensualidade da personagem Amaro, o marinheiro negro, forte e corpulento que se torna o antagonista da história, após o término do seu relacionamento homoafetivo com a personagem Aleixo, homem branco de olhos azuis. Há ainda a depreciação do negro de forma racista em outras obras, a exemplo de trechos encontrados em “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato, na qual a Tia Nastácia é comparada pelo narrador a “uma macaca de carvão” (Lobato, 1962, p. 53).

Oliveira Silveira, engajado em retomar o ponto de vista do negro, buscou em sua extensa produção poética desconstruir os estereótipos negativos cultivados na literatura nacional. Para tanto, substituiu a exclusão e marginalização do negro na sociedade pela urgência de garantir que o lugar de fala desse povo silenciado seja respeitado, reconheceu a valorização das heranças afrodescendentes ao resgatar sua ancestralidade, denunciou opressões e reivindicou a negritude como aspecto primordial para a construção de uma

outra identidade negra no Brasil. No poema “Encontrei minhas origens” é traçado pelo poeta o percurso trilhado para o reconhecimento da identidade negra:

Encontrei minhas origens
Em velhos arquivos
 livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grillhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
 cantos
em furiosos tambores
 ritos
encontrei minhas origens
na cor da minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei (Silveira, 2022, p. 136).

No poema, estruturado em uma única estrofe, sem rimas, se destaca o uso da anáfora “encontrei minhas origens”, e a aproximação de palavras do mesmo campo semântico, “arquivos” e “livros”, “palavras”, “cantos”, “tambores” e “ritos”, reforçando a afirmação do eu em seu percurso para encontrar a si mesmo. O eu lírico retrata o sofrimento e alívio na construção da identidade negra ao reconhecer sua origem na medida em que a encontra “nos lanhos de minha alma”, “na cor da minha pele”, “no mar em imundos tumbeiros”, retomando a história, como a escravidão do seu povo jogado ao mar, para construção genuína da sua identidade negra. Tais versos nos recorda o poema “Vozes-mulheres”, da escritora Conceição Evaristo (2017a), que, com sua escrita, denominada por ela mesma de “escrevivência”, mapeia a sua genealogia e discorre sobre a sua ancestralidade através das vozes das mulheres que a antecederam. A respeito do termo “escrevivência”, cunhado pela própria Evaristo, e que é tão particular do seu processo criativo, a autora explica que o seu surgimento ocorreu durante a escrita do romance *Becos da memória*, vejamos:

[...] esta narrativa nasceu em 1987/88, sendo, pois, anterior à escrita dos contos e do romance Ponciá Vicêncio. Foi meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de Becos, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscava construir uma forma de escrevivência (Evaristo, 2017b, p. 9).

Os seguintes versos do poema escrito por Conceição Evaristo: “A voz de minha bisavó”, “A voz de minha avó”, “A voz de minha mãe”, “nos porões do navio”, “O ontem – o hoje – o agora”, e os versos do poema de Oliveira: “no mar em imundos tumbeiros”, “Em velhos arquivos”, “na cor da minha pele”, “em mim”, “em minha gente escura”, denotam que a construção da identidade passa, como apontado por Silva (2018, p. 149), pelo processo coletivo, onde as referências são um dos principais norteadores nesse processo.

Numa sociedade marcada pelo colonialismo, ainda se vê na atualidade marcas dessa dominação, como discriminação e exclusão, refletindo em diversos campos, como educação, trabalho, saúde, justiça etc., no qual o negro ainda é marginalizado, tendo seu modo de ser e existir ditados por uma visão eurocêntrica. Como aponta Damascena (2018):

[...] todo processo de inferiorização é antes de um fator biológico um fator social, pois se originou como dispositivo de opressão e dominação dos europeus sobre os negros, convencendo-os de sua incapacidade física, mental e histórica como ser humano, essa inculcação ideológica balizou o mecanismo mais eficiente para dominação dos europeus e escravização dos africanos (Damascena, 2018, p. 147).

Em seu estudo, Munanga (2009) afirma que o esforço do negro ao tentar alcançar o branco exigia total auto rejeição, e para a retomada de si como um ser negro, recusar o europeu será o prelúdio indispensável. E rompendo com os paradigmas ideológicos que inferiorizam a cultura africana, se distanciando da cultura europeia, ao se encontrar em “malditos objetos”, “arquivos”, “livros”, “troncos”, “tumbeiros”, e, também, no intangível, “palavras”, “cantos” e “ritos”, Oliveira Silveira legitima sua ancestralidade ao reconhecer suas raízes, o que fica evidente ao apontar que sua origem está no leste, uma referência à África.

No poema “Encontrei minhas origens” é evidente a contraposição à visão estigmatizada de inferioridade do negro, contada pela cultura hegemônica. A ligação com a história da África se faz presente a cada estrofe, na identificação e encontro de suas

origens com “gente escura”, “cor de minha pele”, “heróis altivos”, permitindo que nesse processo aconteça a aproximação da história dos afro-brasileiros à história dos africanos. Logo no início do poema o eu afirma a descoberta das suas origens, “encontrei minhas origens”, e todo o poema é a reafirmação desse lugar, “encontrei-as enfim”, de onde se encontram, “Em velhos arquivos”, “na cor da minha pele”, “em mim”, “em minha gente escura”, “nos lanhos de minha alma”, havendo uma desconstrução do negro associado apenas a escravidão para situá-lo junto a sua cultura com ritos, tambores e cantos. Ainda há uma valorização do poeta ao afirmar que o povo negro também se constitui por heróis, “em meus heróis altivos”, “encontrei”, “encontrei-as enfim”, “me encontrei” (Silveira, 2022, p. 136).

Oliveira Silveira e sua poesia se comprometem com a função de valorização da diversidade, buscando em seus versos ressignificar o negro enquanto sujeito produtor da sua história. À vista disso, o poeta afirma a pluralidade da história e cultura dos africanos e seus descendentes, tornando possível com que esses se sintam pertencentes ao meio no qual se encontram, além de promover de forma significativa discussões étnico-raciais, culturais, sociais etc. Podemos afirmar que sua poesia corrobora para uma tomada de consciência crítica, favorecendo positivamente a elaboração autêntica da identidade negra ao apresentar uma nova condição no meio social que enaltece o povo negro e sua história.

2. A importância das lutas do povo negro na formação da identidade negra em “Resgate (Década 60)”

No poema “Resgate (Década 60)”, reproduzido a seguir, Oliveira Silveira (2022) chama atenção ao expressar em sua escrita o incômodo com os problemas oriundos dos preconceitos e das discriminações raciais manifestados ao povo negro:

Tua dívida foi-se armazenando
sob tua pela branca.
Agora vim cobrá-la
a peso de ouro
e com juros de mora
– quero teu couro!

*

Vamos fazer uma orquestra:
sirenes de patrulhas e ambulâncias,
apitos e buzinas

são os novos pistões,
você tocam;
o fuzil é meu banjo,
bombas a bateria
e este motim meu jazz,
nós tocamos.

Uma orquestra integrada!

*

Vocês se melindram,
se queixam
que fazemos barulho,
que não éramos assim,
que estamos diferentes,
e nós dizemos é
estamos bem mudados
realmente.

*

Tanto tempo obediência,
paciência tanto tempo,
tanto tempo sendo Pai Tomás,
vontade de não ser.

O grande brado de Nat Turner
e outros irmãos, quatro séculos
reprimido, finalmente
explodiu (Silveira, 2022 p. 146-147).

Nesse poema, estruturado em seis estrofes e sem rimas, o sujeito lírico exprime sua sede de justiça logo na primeira estrofe, cobrando uma dívida que estava armazenada e se acumulou por “quatro séculos”, remetendo ao período de escravidão no país. Essa cobrança é destinada às pessoas de “pele branca”, e agora está sendo cobrada “a peso de ouro”, “e com juros de mora”, o que significa que todo o dano causado por esse período de escravidão deverá ser compensado e não deverá ficar impune. E o pagamento exigido não é comum. Essa dívida deve ser paga com “teu couro”, exprimindo a intenção do sujeito em cobrar de igual modo, sangue por sangue, pele por pele.

Na segunda e terceira estrofe, usando metáforas, o sujeito lírico convoca o povo negro a “fazer uma orquestra”, “uma orquestra integrada”, com o intuito de provocar uma rebelião e reivindicar justiça, “este motim meu jazz”, “nós tocamos”. Oliveira Silveira tinha uma forte conexão com a música, como afirma Rosa (2020): “[...] entendendo a sua poesia como espaço de memória, alimentado pela música, pela sônica e pela história negra da África e da diáspora” (Rosa, 2020, p. 170). No poema, ao referenciar o jazz, estilo

musical que nasceu em Nova Orleans, por volta de 1890, como sinônimo da luta pela liberdade e abolição da escravidão, o eu lírico se inspira na história de luta dos negros estadunidenses, de modo a pensar também a revolução aqui no Brasil, com a intenção de expressar a contribuição desse povo na história e cultura do país, visto que, após a popularização do jazz, houve tentativas de desvinculá-lo das raízes negras.

Nas estrofes seguintes, o sujeito assume sua rebeldia, contrariando as queixas de que agora fazem barulho, de que não eram assim, dizendo: “estamos diferentes”, “estamos bem mudados realmente”, pois não são mais aqueles negros submissos ou capazes de ignorar toda opressão e violência, como foram por tanto tempo, “sendo Pai Tomás”, embora não quisessem. O sujeito lírico cita a personagem “Pai Tomás”, uma referência ao romance *A cabana do pai Tomás*, de Harriet Stowe (1852), para mostrar que agora o negro não é mais avesso à violência, submisso, pois agora estão conscientes de seu valor. No último verso, faz o uso da hipérbole “finalmente explodiu”, mostrando que não há intenção de voltar ao que foram durante “quatro séculos reprimido”, pondo fim ao estereótipo do negro escravizado e subserviente.

O título do poema, “Resgate (Década 60)”, evoca uma série de interpretações por estar associado a dois contextos históricos distintos e significativos. Obviamente, a escolha do poeta por retratar essa época não é aleatória, mas proposital. No Brasil é o período marcado pela ditadura e intensa militância política dos grupos marginalizados que se opunham contra o cerceamento da liberdade e a coibição de manifestação da cidadania. Nesse sentido, o termo “resgate” empregado no poema pode sugerir a busca pela recuperação da liberdade e dos direitos humanos, especialmente no contexto brasileiro assinalado pela repressão política do regime militar. Nesse cenário, o “resgate” poderia ser entendido como a tentativa de restaurar a democracia e os direitos civis, por meio de movimentos de resistência contra a censura, a violência policial e a perseguição a grupos opositores.

Por outro lado, ao mencionar a década de 60 no contexto dos Estados Unidos, a palavra “resgate” poderia se referir ao movimento de direitos civis, em particular à luta do Movimento Negro, que, liderado por figuras como Martin Luther King, buscava não apenas a igualdade racial, mas também um resgate da dignidade humana para os afro-americanos, que enfrentavam discriminação, segregação racial e violência. A aprovação da Lei dos Direitos Civis de 1964 e a Lei do Direito ao Voto de 1965 foram marcos importantes, sendo um “resgate” da cidadania plena para uma parte significativa da população americana. Ambos os contextos são carregados de significados e implicações

profundas, e o uso do título "Resgate (Década 60)" permite que o poema dialogue com as tensões sociais e políticas dessa época, mantendo uma ambiguidade que pode se referir tanto à luta contra a repressão interna no Brasil quanto à luta pela igualdade e direitos civis nos Estados Unidos.

Essa e outras lutas pelos direitos civis travadas nos Estados Unidos exerceram grande influência na formação de Oliveira Silveira, assim como personalidades negras que comumente estão presentes na produção do poeta, a exemplo de Angela Davis, Martin Luther King e Cesaire. Evocando nesse poema “o grande brado de Nat Turner”, Oliveira Silveira busca evidenciar o quão potente pode ser a resistência e revolta do povo negro. Nathaniel Turner foi um escravo americano e pregador, responsável por liderar uma rebelião de escravos na Virgínia em agosto de 1831. Essa rebelião resultou na morte de cerca de sessenta e cinco pessoas brancas e é conhecida como uma das mais sangrentas dos EUA a ter sido organizada por escravos. Devido a esse acontecimento, Turner é tido como herói por alguns afro-americanos.

Ao considerar a importância de ressignificar a história do negro, o seu protagonismo e a importância de manter uma posição crítica na sociedade, principalmente no que tange o constante confronto contra o racismo, Fanon (2008) ressalta:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema da sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que depende seu valor e sua realidade humana (Fanon, 2008, p. 180-181).

Ao longo da história, requerer direitos se tornou a única maneira para o reconhecimento dos negros. E com esse intento, Oliveira Silveira exprime no poema “Resgate (Década 60)”, a necessidade de modificar a sociedade, convidando o leitor a se juntar à causa, a “essa orquestra integrada”, e se impor contra a violência, desigualdade, opressão e o racismo.

É possível observar que as conquistas do povo negro é resultado de luta, principalmente pela resistência às injustiças e reivindicação de igualdade de direito. Além disso, Nonoya (2020) aponta que, “[...] em muitas situações, os grupos não tenham sido tão somente de natureza política, mas também de natureza beneficente, cultural, jurídica, recreativa ou educacional [...]” (Nonoya, 2020, p. 193). Gomes (2018), por sua vez, destaca que:

Aos poucos, o Brasil vai compreendendo que ser negro e negra e afirmar-se como tal é um posicionamento político e identitário que causa desconforto nas elites e nos poderes instituídos e que o uso da força e da violência, uma das estratégias antigas do racismo, tem sido uma tentativa de fazê-los calar (Gomes, 2018, p. 113).

Os apontamentos proferidos por Nonoya (2020) e Gomes (2018) acerca da organização dos negros e negras em grupos de natureza política, cultural e educacional como forma de (re)afirmar suas identidades e o posicionamento das elites e poderes institucionais em calar esses grupos, algumas vezes até mesmo de forma violenta, nos permite compreender que no poema “Resgate (Década 60)”, Oliveira Silveira (2022) retoma a história do povo negro contra o racismo, de modo a expressar valores sociais significativos para que haja um processo de identificação. Com isso, conscientizar sobre a realidade de discriminação racial sofrida, com a cautela de que aconteça a aproximação com a história e a cultura do povo negro de forma positiva.

Ao mencionar no poema “Resgate (Década 60) “O grande brado de Nat Turner/ e outros irmãos”, o poeta expressa a força e a garra do povo negro tendo como referência a luta daqueles que vieram antes. À vista disso, revigora a esperança de que é possível modificar a sociedade em busca daquilo que é constituído como direito irrevogável. Ainda sobre o poema, Oliveira Silveira (2022) enaltece o negro enquanto potência, demonstrando que às vezes é necessária uma rebelião contra a opressão.

Considerações Finais

Neste estudo, nos propomos a analisar dois poemas de Oliveira Silveira, poeta representativo e atuante no Movimento Negro, que são: “Encontrei minhas origens” e “Resgate (Década 60), ambos publicados originalmente na obra *Roteiro dos tantãs*. Nosso intuito foi o de compreender como o poeta elabora a construção da identidade negra nos poemas ao mesmo tempo em que aborda a desconstrução de estereótipos seculares conferidos à negritude.

No que diz respeito a identidade negra, em “Encontrei minhas origens” vimos que o poeta realiza um percurso dessa busca iniciando pelos livros, passando pelos “tumbeiros dos mares” (Silveira, 2022, p. 136), o que remete aos navios negreiros nos quais os corpos dos que morriam a bordo eram lançadas ao mar, e finaliza com a descoberta de altivos heróis. Assim, incita a população negra a ter orgulho das suas raízes e ascendência ao destacar que essa é constituída por heróis.

Em “Resgate (Década 60)”, por meio de uma linguagem combativa, o poeta conclama o povo negro a se rebelar contra as violências do homem branco: “Vamos fazer uma orquestra” (Silveira, 2022, p. 146). A palavra “orquestra” aqui é utilizada no sentido metafórico, indicando a organização dessa rebelião e o barulho que ela irá provocar, simbolizando a mudança de postura adotada pelo povo negro ao sair da submissão para uma postura ativa de requerer seus direitos e lugar na sociedade: “[...] se queixam/ que fazemos barulho,/ que não éramos assim,/ que estamos diferentes,/ e nós dizemos é/ estamos bem mudados/ realmente [...]” (Silveira, 2022, p. 147). A luta por igualdade expressa no poema é a afirmação da identidade negra ao mesmo tempo que o poeta desconstrói estereótipos de escravidão e servilismo, para afirmar isso conclama como exemplo a rebelião liderada por Nat Turner: “[...] O grande brado de Nat Turner/e outros irmãos, quatro séculos/reprimido, finalmente/ explodiu” (Silveira, 2022, p. 147). A explosão expressa no final do poema simboliza e reforça que o povo negro não mais irá a condição de subalternidade e exploração a que foram submetidos durante tantos séculos.

De modo geral, há nos poemas elementos que desconstruem discursos que legitimam a superioridade do branco, rompendo com estigmas negativos conferidos aos negros que corroboram para a reprodução de uma identidade estigmatizada. Em seus versos, Oliveira Silveira põe em perspectiva o protagonismo negro no encontro de suas origens, desconstruindo estereótipos negativos cultivados na literatura nacional, substituindo a exclusão e marginalização do negro na sociedade pela urgência de garantir que o lugar de fala desse povo silenciado seja respeitado, reconhecendo a valorização das heranças afrodescendentes ao resgatar sua ancestralidade e denunciar opressões, reivindicando a negritude, e, assim, contribuindo para a construção de uma outra identidade negra positiva no Brasil.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

DANTAS, Elisalva Madruga. A negritude poética do gaúcho Oliveira Silveira. **Revista de Letras**, João Pessoa, n. 28, p. 74-77, jan/dez. 2006.

DAMASCENA, Q. S. MIRANDA, E. O. Caminhos identitários: contribuições de Kabengele Munanga na construção da identidade negra positiva. **Rev. Hist.** Porangatu, v.7, n.1, p. 145-155, jan./jun. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

GOMES, N. L. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, n. 26, p. 111-124, jul/out. 2018.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. 14. ed. Ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1962.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. 3. ed. ampliada e revista pelo autor. 1ª e 2ª ed. pela Editora África. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: Ed. EDUFF, 2000. p. 15-34.

NONOYA, D. S. Representações de uma identidade negra: um estudo de caso a partir dos poemas encontrei minhas origens, treze de maio e vinte de novembro, de Oliveira Silveira. **Revista ensaios e pesquisa em educação e cultura**, n. 9, v.5, p. 191-120. 2020.

SILVA, J. R. G. da Pedro. **O estereótipo a ser desconstruído em O demônio familiar, de José de Alencar**. 2021. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2021.

SILVEIRA, Oliveira. **Oliveira Silveira - obra reunida**. In: AUGUSTO, Ronald (org.). 2. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2022.

